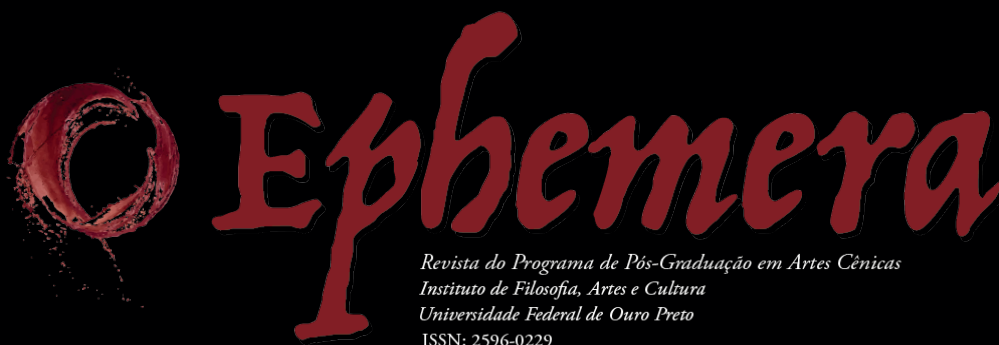




APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ
O TEATRO DE GRUPO ONTEM E HOJE:
atos e potências de transformação da arte e da sociedade

PRESENTATION OF THE SPECIAL ISSUE
GROUP THEATRE YESTERDAY AND TODAY:
Acts and powers of transformation of art and society

Ricardo Gomes

 <https://orcid.org/0000-0002-8778-9598>

Priscilla Duarte

 <http://orcid.org/0000-0002-6900-7177>

Lidia Olinto

 <https://orcid.org/0000-0002-5661-6205>

 doi.org/10.70446/ephemera.v8i14.7972

**Apresentação do dossiê - O Teatro de Grupo ontem e hoje:
atos e potências de transformação da arte e da sociedade**

**Presentation of the special issue - Group Theatre yesterday and today:
Acts and powers of transformation of art and society**

As artes da cena são artes do coletivo, em todas as latitudes, em todos os períodos históricos. A própria cena pode ser definida como o encontro entre duas coletividades, aquela das/dos artistas, coesa e organizada em torno da ação cênica, e aquela das/dos espectadoras/es, temporária, casual, mas representante de uma comunidade maior que a engloba. Devido a esse caráter grupal imanente, as artes da cena podem ser – e têm sido ao longo da história – laboratórios das relações humanas, com desdobramentos éticos, estéticos, políticos, psicológicos e existenciais.

Na segunda metade do século passado, porém, surgiu uma forma particular de agrupamento cênico: o Grupo Teatral. Suas raízes remontam aos teatros-laboratório da primeira metade do século XX, mas suas formas de organização, sua ação política e seu horizonte estético de referência (em que pese a multiplicidade e singularidade das poéticas dos diferentes grupos) estão profundamente ligados ao movimento da contracultura e à revolução dos valores dos anos 1960-1970. Há no Grupo Teatral o desejo de recriar, sobre novos alicerces, todo o espectro das relações humanas: das relações de poder às relações afetivas; da criação artística à relação com o mercado; da relação com o espaço cênico à relação com a cidade etc. O Grupo Teatral, portanto, é muito diferente de uma companhia, de uma associação política ou cultural, e até mesmo de uma família; compartilha, porém, muitas características com essas formas de organização social, vivendo, deste modo, imerso em contradições inerentes aos revolucionários, que lutam para superar o passado mas não conseguem se libertar completamente dele.

Há mais de cinquenta anos de distância das agitações estudantis de 1968, a potência da contracultura parece ter arrefecido. Embora seja inegável que muita coisa mudou de lá para cá, e que essas transformações na sociedade são devedoras das forças despertadas naqueles anos, é também evidente que a onda provocada pelo desejo de transformação radical que aquela juventude expressava chocou-se com os rochedos da realidade e refluíu nas contradições que ela mesma trazia em seu bojo. O momento presente é marcado pela desilusão, pelo adoecimento físico e mental, pela sensação de impotência diante da máquina do mundo, que tritura os sonhos, transformando-os em mercadoria. Mas o momento presente também pode ser o momento de dizer NÃO a tantas formas de opressão que cultivamos dentro de nós por tanto tempo, se formos capazes de nos organizar e lutar para que nossas vozes não sejam reduzidas a discursos artificialmente compartimentados e despotencializados. A grande maioria dos Grupos Teatrais que nasceram nos anos 1960-1970 – e muitos dos seus integrantes – hoje não existem mais. Alguns persistem, talvez menos marginais ou independentes do que já foram, talvez ainda guiados pelos mesmos ideais, com certeza adaptados



às novas realidades. Outros grupos surgiram e surgem a cada dia, com suas próprias designações e formas de organização.

Quando lançamos à comunidade acadêmica a proposta deste dossiê nos perguntávamos: O que o Teatro de Grupo tem a nos dizer? Esta ainda pode ser uma forma efetiva para atuar contra a máquina do mundo na contemporaneidade? A julgar pela quantidade de pessoas que responderam à nossa chamada, e pela qualidade de suas pesquisas, parece-nos que a potência desse movimento, que ganhou forma nos anos 1960 do século passado, não arrefeceu e não envelheceu, apesar de seus mais de cinquenta anos de história. Mas certamente se transformou. A diversidade dos temas e das abordagens presentes nos artigos selecionados revela-nos que não há um entendimento único sobre o que denominamos Teatro de Grupo. Apesar dessa pluralidade de visões, é possível perceber um horizonte de referência comum, que remete à luta contra o individualismo e o consumismo da sociedade contemporânea, ao inconformismo diante das injustiças que tendemos a naturalizar, a uma visão contra-hegemônica da Arte. Ao abrir o leque dos textos deste dossiê, percebemos diversas declinações do que podemos chamar de “espírito do Teatro de Grupo”, a partir de abordagens teóricas, históricas, técnicas e filosóficas, por meio de estudos de caso, pesquisas históricas ou depoimentos de artistas.

Alguns textos trazem uma abordagem histórica, relativa a artistas, grupos ou movimentos. “O Parateatro de Grotowski e companhia como radicalização das práticas de teatro de grupo” aborda um momento particular da trajetória de uma das figuras centrais da tradição do Teatro de Grupo, trazendo uma reflexão sobre a ética e a estética desse movimento. “Pagu e o Teatro de Grupo: narrativas esquecidas da historiografia do teatro brasileiro de meados do século XX” reflete sobre a importância de uma grande artista e intelectual brasileira para o teatro no nosso país, que poderia ser considerada uma precursora ou incentivadora do Teatro de Grupo, pela sua contribuição para seu nascimento. “Teatro Experimental do SESC: Arte, Política e Resistência no Coração da Amazônia” lança luz sobre o teatro em uma região do Brasil cuja história é muito pouco conhecida e documentada.

Outros textos revelam aspectos particulares de coletivos contemporâneos em plena atividade, abordando aspectos técnicos, históricos e sociais. “Éticas da criação em contextos de precariedade social: um estudo com três coletivos artísticos brasileiros” analisa as estratégias de sobrevivência e de criação artística de grupos teatrais, percebendo como o contexto de precariedade, inerente à realidade do Teatro de Grupo no Brasil, determina sua poética. “Por uma pedagogia das formas expressivas: uma conversa sobre os 40 anos do Grupo XPTO de teatro” e “Marionetes incendiárias: reflexões sobre a trajetória artística do grupo Pigmalião Escultura que Mexe” analisam as trajetórias de dois importantes grupos teatrais brasileiros que utilizam-se da poética do teatro de formas animadas. “A gênese do Teatro de Grupo nos processos dramatúrgico-feministas do Coletivo Elas Tramam” utiliza-se dos conceitos fundamentais do Teatro de Grupo para analisar um coletivo de dramaturgas que contrasta o apagamento histórico da contribuição das mulheres para as artes e para muitas outras atividades públicas.



Temos também textos que refletem sobre o conceito de Teatro de Grupo e suas implicações sociais e estéticas. “As práticas desenvolvidas por coletivos latino-americanos: o teatro de grupo como tática estético-política de resistência” e “O Teatro de Grupo como experiência coletiva frente aos desafios do neoliberalismo no contexto urbano - uma breve reflexão” analisam o Teatro de Grupo enquanto instrumento de luta política. “A Coralidade e o Campo de Visão” aborda uma técnica de atuação que tem a coletividade como fulcro, podendo ser considerada como intrínseca a esse tipo de teatro.

Por fim, trazemos dois textos de artistas representantes de uma geração que viveu um momento particular de nossa história, quando, nos anos 1980, o Teatro de Grupo renasceu, de certa forma, após ter sido violentamente atacado pela ditadura militar. “Uma montanha sem cume: Memórias de uma escalada em sete tempos” e “Aos que vierem depois de nós” apresentam visões parciais e limitadas desse movimento – e não poderia ser diferente por se tratarem de testemunhos –, mas que apresentam análises críticas que possuem a profundidade de uma realidade vivida em primeira pessoa.

Deste modo, o dossiê “Os Teatros de Grupos ontem e hoje: atos e potências de transformação da arte e da sociedade” é um vislumbre de diversas inflexões que certamente não representa uma abordagem capaz de esgotar um tema inesgotável, mas é uma importante contribuição para o estudo de um movimento que representa uma fonte de inspiração e uma possibilidade de ação para o Teatro no Século XXI.



Biografia acadêmica

Ricardo Gomes - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Professor no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, na Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: diadokai@gmail.com

Priscilla Duarte - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Doutora em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: priduarte66@gmail.com

Lidia Olinto - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Doutora em Artes da Cena pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Artes, Campinas, São Paulo, Brasil

E-mail: lidiaolinto@gmail.com

Direitos autorais

Ricardo Gomes, Priscilla Duarte e Lidia Olinto

Contribuição de autoria (CRediT)

Conceituação e Escrita: Ricardo Gomes, Priscilla Duarte e Lidia Olinto

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

